

ARTIGO

Estilística e estilo em duas perspectivas teóricas: Spitzer e o Círculo bakhtiniano

Stilistic and style in two theoretical perspectives: Spitzer and bakhtinian circle

Miriam Bauab Puzzo 
Eliana Vianna Brito Kozma 

Universidade de Taubaté. Taubaté, SP, Brasil.

E-mails: puzzo@uol.com.br; eliana.brito@unitau.br

RESUMO: A estilística e as questões de estilo têm suscitado pesquisas ao longo do tempo desde a antiga Grécia com as obras de Aristóteles e ainda hoje são objeto de pesquisa. No século XX esta questão tornou-se objeto de questionamento numa perspectiva discursiva, como contraponto às teorias vigentes em especial a Estilística Alemã, pautada pelos estudos filológicos como os de Leo Spitzer. Com o objetivo de comparar as concepções de estilística e de estilo, este artigo se propõe a discutir as relações entre duas vertentes: a estilística e a discursiva tomando como referência Leo Spitzer, representante da Estilística Alemã e a teoria dialógica da linguagem de Bakhtin e o Círculo. Para cumprir esta proposta foram selecionados alguns ensaios de Spitzer e, para efeito comparativo, alguns ensaios de Bakhtin e Volóchinov. O resultado desse processo comparativo amplia as possibilidades de compreensão das duas vertentes e a adequação da estilística discursivo-dialógica do Círculo bakhtiniano na interpretação enunciativa.

PALAVRAS-CHAVE: Estilística; Estilo; Spitzer; Círculo bakhtiniano.

ABSTRACT: Stylistics and style issues have raised research over time since ancient Greece with the works of Aristotle and are still the subject of research today. In the 20th century, this issue became the object of questioning from a discursive perspective, as a counterpoint to current theories, especially German Stylistics, guided by philological studies such as those of Leo Spitzer. With the objective of comparing the conceptions of stylistics and style, this article proposes to discuss the relations between two aspects: the stylistic and the discursive, taking as reference Leo Spitzer, representative of German Stylistics and Bakhtin's dialogical theory of language and the Circle. To fulfill this proposal, some essays by Spitzer were selected and, for comparative effect, some essays by Bakhtin and Voloshinov. The result of this comparative process expands the possibilities of understanding the two strands and the adequacy of the discursive-dialogical stylistics of the Bakhtinian Circle in the enunciative interpretation.

KEYWORDS: Stylistic; Style; Spitzer; Bakhtinian circle.

COMO CITAR

PUZZO, Miriam Bauab; KOZMA, Eliana Vianna Brito Estilística e estilo em duas perspectivas teóricas: Spitzer e o Círculo bakhtiniano. *Revista da Anpoll*, v. 55, e1969, 2024. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v55.1969>



1 Introdução

Com o objetivo de comparar as concepções de estilística e de estilo, este artigo se propõe a discutir as relações entre duas vertentes: a estilística e a discursiva tomando como referência Leo Spitzer, representante da Estilística Alemã e a teoria dialógica da linguagem de Bakhtin e o Círculo. Nas discussões a respeito de língua/linguagem, Bakhtin e o Círculo estabelecem com as teorias do século XIX e início do século XX, entre elas a Linguística saussureana e a Estilística alemã, questionamentos teóricos a respeito dos conceitos que fundamentam essas vertentes. A vertente denominada Estilística, que tem em Karl Vossler (1872-1949) seu maior representante, é constituída por um grupo de intelectuais dedicados ao estudo da língua em sua expressividade, caracterizada pelo estilo individual dos autores. Na discussão a respeito de língua/linguagem, Bakhtin, Volóchinov e Medviédev estabelecem limites teóricos com a vertente vossleriana. Como Spitzer é considerado um de seus representantes mais relevantes na perspectiva do Círculo, neste artigo compara-se o trabalho de Spitzer com a teoria estilística bakhtiniana.

O processo interpretativo de Leo Spitzer decorre de sua formação erudita como filólogo, historiador comparatista e crítico literário. Como crítico linguista, transita pela literatura, objeto de suas pesquisas histórico-filológicas. Como crítico literário, Spitzer desempenha um papel relevante e torna-se um integrante crítico no âmbito da teoria literária, cujo método é discutido por Renée Wellek e Austin Warren (2003, p. 239-240).

O método de Spitzer é considerado por teóricos e críticos literários como Starobinski (1970) um método que se transforma ao longo do tempo, desde o método filológico circunscrito às transformações do léxico até o método do círculo hermenêutico de interpretação. Sob esse aspecto, o método de Spitzer pode não contemplar a poesia moderna, por tratar a linguagem como material sonoro despido de conteúdo. Sendo assim, esse tipo de poesia não pode submeter-se a uma interpretação racional e conteudística. De acordo com Starobinski (1970), a pesquisa spitzeriana caracteriza-se pela busca de um caminho do espírito.

Spitzer procura explicá-lo em seus ensaios, publicados em diversas obras entre as quais foram selecionados como objeto analítico “La interpretación lingüística de las obras literarias” (1942 [1930]), *Linguística e historia literaria* (1968) e os ensaios da coletânea *Études de style* (1970), organizada por Starobinski¹.

Nessas obras, Spitzer, fundamentado em seus conhecimentos filológicos e históricos, aproxima-se das análises de texto de linha francesa (Starobinski, 1970). Na sequência de seus comentários, explicita sua perspectiva teórica ao demonstrar como os autores empregam a língua de modo criativo, rompendo as normas gramaticais instituídas. Destaca o estilo autoral pelo emprego não sistematizado dessas regras. Sob esse aspecto, acompanha as ideias de Vossler, segundo as quais toda percepção e sensação interior do indivíduo, que se distanciam da rotina mental, manifestam-se na linguagem pela ruptura com as normas instituídas (Spitzer, 1942).

¹ Starobinski nasceu em 1920, em Genebra, na Suíça. Doutorou-se em medicina (psiquiatria) e letras. Foi professor na Universidade John Hopkins e na Universidade de Genebra, onde lecionou Literatura Francesa e História da Medicina, aposentando-se em 1985. Linguista, filósofo, crítico literário e de artes plásticas. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00484>. Acesso em: 27 fev. 2019.

Ao centralizar as alterações no plano da língua em função das impressões psíquicas, a análise textual concentra-se nas alterações do estilo. Nessa perspectiva, Spitzer põe em funcionamento as concepções filológicas de sua formação na observação textual dos termos e imagens agenciados pelos autores. Para concretizar sua proposta de analisar as partes para entender o todo da obra literária, Spitzer conta com a sua formação consistente e rigorosa de filólogo, de historiador e de estudioso da literatura.

Tanto Vossler quanto Spitzer dedicam-se às pesquisas históricas para analisar a evolução das línguas pelo método filológico. Sob esse aspecto, a língua relaciona-se com a sociedade, mas ao tratar do estilo individual do autor, a problemática social fica limitada à questão da língua em sua transformação.

De acordo com a perspectiva de Spitzer, as variações gradativas mais simples não afetam a língua de modo transformador, mas a criatividade transgressora do estilo autoral é responsável pela transformação da língua em sua evolução histórica. Apesar de apontar para essa relação entre a língua individual e a social, o autor as entende como duas instâncias separadas. É como se cada uma dessas instâncias estivesse isolada em mundos diferentes. Todo esse processo está centrado no autor como criador, em seu espírito, como afirma Spitzer: “[...] onde mais exposta se mostra a alma do poeta não é – para continuar nossa comparação – nas palavras desgastadas da linguagem, a não ser naquelas que ainda podem produzir matizes tonais”² (1942, p. 95).

Destaca-se nesse trecho, a concepção de alma como uma realidade intrínseca do indivíduo responsável pela sua transcendência. Desse modo, a realidade interior encontra-se dissociada do plano social, como se existisse em paralelo ao contexto real. Contrapondo-se a essa teoria, Medviédev (2012, p. 50) pontua:

Cada produto ideológico e todo seu “significado ideal” não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante.

Essa dicotomia que se estabelece na linguagem entre o indivíduo e seu contexto social, na perspectiva da Estilística Alemã é questionada também, tanto por Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2002 [1929]), *Teoria do romance I: a estilística* (2015 [1934-36]), *Os Gêneros do discurso* (2016 [1952-53]), *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo* (2018 [1937-39]), *O romance como gênero* (2019 [1941]), quanto por Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017 [1929]), *A palavra na vida e a palavra na poesia* (2019 [1926-30]).

De acordo com a perspectiva dialógica do Círculo, a teoria dos estilistas alemães não considera o intercâmbio dialogal interior/exterior como característica intrínseca da comunicação humana. Para Bakhtin e o Círculo, não é possível separar essas duas realidades constitutivas da linguagem. Embora Spitzer empregue os mesmos termos empregados pelo Círculo, como a imagem de Jano ao analisar o poema *Ballades de dames de temps jadis* [Balada das damas dos tempos idos], de François Villon, a semelhança é apenas aparente. Essa metáfora distancia-se da concepção dialógica para demonstrar metaforicamente a oposição entre vida

² No original: [...] donde más desnudo se muestra el alma del poeta no es – para continuar con nuestro símil – en las teclas desgastada del lenguaje, sino en aquellas que aún pueden producir matices tonales.

e morte, entre o paraíso e o inferno: “Notável criação literária, de duas faces, como Jano, e de cores crepusculares. E até em outro sentido se manifesta essa bifrontalidade.”³ (Spitzer, 1942, p. 106). Portanto, enquanto Spitzer a considera apenas em sua natureza semântica, Volóchinov (2017) toma essa imagem como recurso para explicitar o conceito da duplicidade constitutiva eu x outro, individual e social do signo ideológico.

Também o termo “arquitetônica” (1942, p. 101), como procedimento composicional autoral na elaboração dos poemas, parece aproximar as duas vertentes teóricas. Entretanto, empregado por Bakhtin (2010 [1920]) na perspectiva dialógica, esta expressão constitui uma chave teórica distante do significado comum, conforme entende Spitzer. Ao acompanhar a referência teórico-discursiva, nas diversas obras de Bakhtin, observa-se que o conceito de arquitetura é acrescido de novos enfoques, expressos ao longo do tempo, desde as primeiras reflexões da década de 20, como em “Arte e responsabilidade” de 1919, publicada na *Estética da criação verbal* (2003) e *Para uma filosofia do ato responsável* de 1920 traduzido em português em 2010.

Nesses primeiros ensaios, esse conceito fundamenta-se na ética e na estética, cuja relação eu/outro é decisiva. A base desse conceito nasce de uma discussão de caráter filosófico, relacionando a produção artística com a concepção de ética e a responsabilidade dos atos do ser humano no contexto social. Portanto, nessa linha teórica, a arquitetura não deve ser entendida como uma forma abstrata, mas sim como um projeto concreto do ato unitário singular, como um momento essencial de sua elaboração e de sua expressão (Bakhtin, 2010). Bakhtin considera esses momentos fundamentais: eu-para mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro da vida real e da cultura e, à medida que outras obras vão sendo elaboradas, novas características acrescentam-se a essa noção inicial. Assim, o princípio de enunciado como evento único, emergindo na cadeia discursiva, é um dos pilares dessa teoria colocando em relação intrínseca autor, destinatário e contexto social, como uma atitude responsiva do autor no momento de enunciação.

Outros conceitos, entre eles o tratamento mecânico no emprego da língua também parece aproximar as duas concepções teóricas. Contudo à medida que as obras do Círculo vão sendo lidas, a distância conceitual torna-se mais evidente.

A forma de tratamento da gramática também é objeto de questionamento pela abordagem mecanicista, tanto por Vossler⁴ quanto por Bakhtin⁵, numa aparente convergência. Entretanto, para Vossler, a questão diz respeito às transformações do idioma, enquanto para Bakhtin trata-se da duplicidade intrínseca da linguagem, responsável pelo movimento contínuo de sua atualização.

³ No original: “Notable creación literaria, de dos caras, como Jano, y de tintas crepusculares. Y hasta en otro sentido se manifesta esa bifrontalidad”.

⁴ PUZZO, M. B. Dialogismo bakhtiniano e a estilística vossleriana. *Bakhtiniana: revista de estudos do discurso*. v. 12, n. 1, p. 131-149, 2017.

⁵ PUZZO, M.B. Teoria dialógica da linguagem: o ensino da gramática na perspectiva de Bakhtin. *Linha d'Água*. v. 26, n. 2, p. 261-278, 2013.

Para explicitar as possíveis relações entre as duas concepções teóricas, discute-se, a seguir, o método analítico de Spitzer, no intuito de esclarecer essa distinção e, na sequência, a concepção de estilística na vertente discursiva bakhtiniana.

2 O processo estilístico de Spitzer

A análise interpretativa de Spitzer tem como princípio sua formação filológica inicial, que se desenvolve em função de sua investigação histórica, literária e cultural, como demonstra Starobinski na introdução de *Études de style* (1970). Nos ensaios de Spitzer selecionados para discussão neste artigo, esse percurso pode ser acompanhado.

Assim, no artigo introdutório “Linguística e história literária” (1968), publicado no livro, sob o mesmo título, e reproduzido na coletânea de 1970, organizada por Starobinski, Spitzer expõe sua proposta investigativa. Segundo ele, sua investigação tem como princípio a relação entre a produção literária, a língua e suas transformações ao longo do tempo. Para cumprir sua proposta, seleciona ensaios representativos de autores de épocas diferentes, considerados por ele centros irradiadores de transformação linguística, a fim de analisar a linguagem e sua evolução. Com essa metáfora, Spitzer procura demonstrar a capacidade desses autores de centralizar, por meio de sua expressão inovadora, a renovação do idioma. O estilo, portanto, nessa perspectiva, é a expressão da genialidade do autor, capaz de criar termos e expressões (neologismos) que passam a integrar a língua. Entre os autores selecionados, encontram-se Pulci, Rabelais, Victor Hugo, Céline, considerados renovadores da língua em momentos especiais. Como o filólogo se expressa (1968, p. 42):

(...) estudamos a mudança de todo um clima histórico manifestado nas inovações, linguísticas e literárias, de duas épocas distintas (o século XX e o século XVI) para chegar, finalmente, a afirmar teoricamente sistemas autossuficientes: as grandes obras de arte, determinadas por diferentes desenvolvimentos históricos e refletindo em todos os seus detalhes externos, tanto linguísticos quanto literários, seu respectivo “sol” central.⁶

Com esse objetivo em mente, sua análise resulta de uma leitura atenta e insistente para identificar os desvios referentes à expressão linguística. Para Spitzer, a forma original com que os autores se expressam, ou seja, o modo subjetivo no emprego da língua, constitui uma transgressão em relação à norma, decorrente do estímulo psíquico do gênio criador.

No ensaio “La interpretación lingüística de las obras literarias” (1942), publicado na coletânea organizada por Damaso Alonso, Spitzer analisa algumas obras da literatura francesa, entre elas os contos de *Quinze joyes de mariage* [Quinze alegrias do casamento], uma coletânea de contos anônimos do século XV, para ilustrar seu ponto de vista a respeito da análise de obras antigas, e, a seguir, seleciona poemas de Villon (1431-1463), Jodelle (1532-1573) e Mallarmé (1842-1898). Seu objetivo é destacar, na materialidade linguística, a originalidade

⁶ ... estudiamos el cambio de todo un clima histórico expresado en las innovaciones, lingüísticas y literarias, de dos épocas distintas (el siglo XX y el siglo XVI) para llegar, finalmente a afirmar teóricamente autosuficientes: las grandes obras de arte, determinadas por diferentes desarrollos históricos y reflejando en todos sus detalles externos, tanto lingüísticos como literarios, su respectivo “sol” central.

dos autores, os efeitos de sentido centrados no texto, visando encontrar um denominador comum próprio de cada autor no conjunto da obra. Desse modo, pelo método comparativo, ele evidencia o estilo autoral de cada um dos poetas selecionados, demonstrando como os escritores renovam a língua por conta de sua verve criativa.

Dentre as obras selecionadas, encontra-se a obra poética de Villon *Ballade des dames du temps jadis* [Balada das damas dos tempos idos], da qual recorta a 41ª estrofe “Grand Testament”, [Grande testamento], que consiste no lamento terminal de um infeliz que não tem nada para registrar como legado. Spitzer explica o conjunto da obra desse autor, localizada em fins da Idade Média, observando o efeito estético dos recursos expressivos, até então pouco destacados por estudiosos da literatura românica.

O autor classifica a balada como a angústia do poeta diante da morte, do que ela tem de repugnante e, por outro lado, a beleza da carne que tende a desaparecer. Segundo sua interpretação, Villon trata do destino humano que é a morte, cujo conceito Spitzer não se propõe a estudar, apesar de sua formação teológica (Spitzer, 1942, p. 106). Comparando com outros poemas da Idade Média, entre eles a coleção de contos do século XV *Quinze joyes de marriage* (Quinze alegrias do casamento), o analista destaca as diferenças entre eles, confrontando com autores do século XX. Segundo o filólogo, as peculiaridades linguísticas são mais fáceis de serem identificadas nas obras atuais pela proximidade que o analista tem com a linguagem de sua época. Entretanto, por meio de uma leitura atenta e insistente é possível encontrar as variações idiomáticas introduzidas pelos autores mais antigos, cujas obras constituem monumentos culturais. Ao final, Spitzer seleciona figuras e imagens mais impactantes do poema de Villon, demonstrando sua originalidade estilística e os efeitos obtidos pelos recursos agenciados pelo autor. Nesse percurso, coloca em evidência o quadro comum na época em relação aos “passos da morte”, isto é, menciona as personagens clássicas como Páris e Helena que sofrem as ânsias da agonia, como qualquer ser humano que morre. O tema “Onde estão?” [*Ubi sunt?*] é destacado como articulador do poema e, em função dessa problemática, o crítico analisa estrofe por estrofe, apontando o ritmo e a melodia dos versos e das imagens, como recursos responsáveis pelo estilo de Villon (Spitzer, 1942).

Como o linguista filólogo explicita, seu método consiste na leitura persistente e atenta para observar as singularidades apresentadas no estilo do autor com o objetivo de avaliar o texto, tanto do ponto de vista estético quanto histórico (Spitzer, 1942, p. 118). Como o processo histórico é também comparativo, o crítico procura outros autores para confrontar a linguagem e o estilo com o intuito de alcançar o estilo dessa época. Esclarece, assim, sua proposta de comparar, por exemplo, uma obra do século XV espanhol, *Coplas*, de Jorge Manrique, com a francesa de François Villon, do mesmo século, para “observar as diferenças nacionais na concretização artística de uma mesma época”⁷ (Spitzer, 1942, p. 119).

Na sequência, Spitzer ainda seleciona mais dois poemas: um de Étienne Jodelle, poeta renascentista dos anos 1550, “À luy mesme” [A ele mesmo] e outro do poeta simbolista Stéphane Mallarmé, que tem por título o nome do autor: “*Mallarmé*”. Tanto na análise de um quanto de outro, Spitzer emprega o mesmo processo na identificação das imagens e sua relação com o tema em cada um dos poemas, para, a seguir, comparar o estilo de cada autor.

⁷ No original: “apreciar las diferencias nacionales en la acuñación artística de una misma época”.

Para enfatizar a peculiaridade estilística de cada um, Spitzer interpreta as imagens líricas, destacando o ritmo de cada poema. Segundo conclui, Jodelle propõe um enigma poético ao leitor de modo dinâmico, enquanto Mallarmé centra sua experiência na forma, expressando-a na “congelación de la vida” [cristalização da vida] (Spitzer, 1942, p. 132). O processo comparativo entre os dois poetas, um da época medieval francesa e outro do simbolismo francês, tem por objetivo demonstrar, no estilo de cada autor, algo comum aos dois no processo criativo da poesia românica. Em sua avaliação, embora o tema seja semelhante, ambos os poetas tratam da própria criação artística, num estilo divergente entre eles. Como justifica, essa “comparação de dois poemas ‘difíceis’, de épocas distintas, pode ilustrar-nos sobre como um ‘traço eterno’ da poesia românica, assim como a refração diferente do mesmo fenômeno em épocas distintas”⁸ (Spitzer, 1942, p. 135).

Spitzer ainda procura explicação mais interpretativa que idiomática, afirmando que sua interpretação se deve à “certeza de que a estilística e a interpretação idiomática das obras literárias não de resolver-se completamente na análise da obra integral”⁹. (Spitzer, 1942, p. 143-144).

Na perspectiva desse filólogo, a análise simplesmente idiomática, própria de alguns linguistas de sua época, entre eles Hermann Pongs (1889-1979) e Helmut Hatzfeld (1892-1979), representa um estágio transitório entre o estudo da linguagem e a análise integral da obra. Sob esse aspecto, a análise linguística sozinha seria um processo mecanicista. Em sua avaliação, esse tipo de análise “autônoma do estilo só teria uma justificativa, digamos, pedagógica”. Com essa observação, ressalta a importância do estilo para contrapor-se ao desinteresse desses filólogos (Spitzer, 1942, p. 144)¹⁰. A mesma preocupação com a descrição linguística saussuriana parece aproximar a visão de Spitzer da do Círculo bakhtiniano. Entretanto há uma diferença significativa entre eles. Para Spitzer a análise linguística teria por objetivo relacionar-se ao estilo da obra e do autor, enquanto para Bakhtin (2016) e Volóchinov (2017) a materialidade linguística que constitui a obra, além de ser um fator essencial para sua concretização, expressa o posicionamento valorativo do autor com relação ao leitor e ao contexto social. Para Bakhtin (2016, p. 56), “a questão valorativa é um aspecto que não é considerado pela estilística”; ela “desconhece qualquer terceiro elemento”. Na perspectiva do filósofo, a relação dialógica é triádica, porque na elaboração enunciativo-discursiva, constitutiva da duplicidade eu/outro, há um terceiro elemento “um supradestinatário”, não previsto, que não tem sido considerado pelos linguistas na perspectiva saussuriana. A concepção linguística a respeito da comunicação considera o falante e o interlocutor, mas não leva em conta o processo dialógico constitutivo das relações entre a linguagem e o contexto social que a constitui, desse modo o enunciado não se limita a um interlocutor imediato, mas pode alcançar outros não previstos pelo autor. Como pontua, “até hoje não tem sido hábito levar em conta o terceiro elemento” (2016, p. 99).

Ao avaliar, o método empregado pela Estilística Alemã, apesar de seus seguidores negarem o tratamento mecanicista, Bakhtin ainda o considera como “mecânico” pelo modo

⁸ No original: “[...] confrontación de dos poemas ‘difíciles’ de distinta época ha podido ilustrarnos acerca de un como *trait éternel* de la poesía románica, así como de la diversa refracción del mismo fenómeno en distintas épocas”.

⁹ No original: “[...] convencimiento de que la estilística y la interpretación idiomática de las obras literarias han de resolverse por completo en el análisis de la obra íntegra”.

¹⁰ No original: “La explicación autónoma del estilo sólo tenía una justificación, digámolo así, pedagógica...”

como tratam a análise textual. As análises dos poemas efetuados por Spitzer, apesar do processo comparativo entre autores, restringem-se às idiossincrasias de cada autor em relação a sua época. Assim, as figuras ou temas semelhantes são tratados de modo diversificado e a linguagem inovadora desses autores contribui para a renovação do idioma. Portanto o aspecto subjetivo e criativo é valorizado por Spitzer.

Já na coletânea de ensaios, escritos no período de 1918 a 1931, *Études de style*, organizada por Starobinski, Spitzer desenvolve uma pesquisa investigativa comparando as obras literárias de autores consagrados. O filólogo tem por objetivo demonstrar o emprego de certas expressões de acordo com o estilo e a subjetividade de cada autor em função de seu momento histórico. Nessa coletânea, Spitzer analisa obras mais clássicas como as de La Fontaine, Rabelais, Voltaire, mas também obras mais recentes como a de Michel Butor, este último redigido antes de sua morte e publicado por George Poulet, no *Archivum linguistique* (1960-61).

Desse modo, pelo seu método de analisar as partes para compreender o todo da obra, o trabalho analítico de Spitzer desenvolve-se num movimento oscilatório entre as partes de modo circular, como ele mesmo pontua: “Nosso ir-e-vir de certos detalhes exteriores em direção ao centro, e daí a um novo conjunto de detalhes é apenas uma maneira de aplicar o princípio do ‘círculo filológico’” (Spitzer, 1970 [1918-1931] p. 61)¹¹. Segundo ele, esse círculo não é vicioso, mas representa a base das operações fundamentais das disciplinas humanas que é o mesmo processo seguido pelos estudiosos românticos e teólogos. Explicita, portanto, seu interesse em investigar as mudanças linguísticas sem perder de vista as peculiaridades dos autores das obras analisadas. Entretanto, não se atém a dados biográficos dos autores, mas às imagens inusitadas que envolvem a linguagem e sua renovação ao longo do tempo, sempre procurando relacioná-los à vida interior dos autores.

De acordo com Starobinski (1920-2019) no prefácio ao livro *Études de style* (1970, p. 29), Spitzer não se limita ao estudo filológico do texto, mas aproxima-se da teoria da interpretação textual na perspectiva heideggeriana¹², sob esse aspecto a teoria de Heidegger está vinculada à interpretação de textos e representa uma das vertentes da crítica literária dedicada à interpretação das obras ficcionais, distanciando-se dos filólogos que se limitam à investigação evolutiva do idioma:

Seu método é a descrição de um caminho do espírito: não é uma receita, um modo de emprego, um procedimento, mas uma reflexão portanto sobre as etapas progressivas onde se modifica, pouco a pouco, a relação do leitor ao texto, à medida que ele apreende melhor o sentido global.¹³

¹¹ “Notre va-et-vient de certains détails extérieurs vers le centre, puis que de là à un nouvel ensemble de détails n’est qu’une manière d’appliquer le principe du “cercle philologique” (Spitzer, 1970 [1918-1931], p. 61)

¹² Teoria fundamentada pelo filósofo Martin Heidegger (1989-1976) pensador seminal na tradição continental e hermenêutica filosófica. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Martin_Heidegger. Acesso em: 01 mar. 2022.

¹³ No original: “Sa méthodologie est la description d’un chemin de l’esprit: ele n’est pas une recette, un mode d’employ, un procédé, mais une réflexion portant sur les étapes progressives où se modifie, de proche en, la relation du lecteur au texte, à mesure qu’il en saisit mieux le sens global” (Starobinski, 1970, p. 29).

Em trabalhos anteriores (Puzzo, 2013; Puzzo, 2017), a questão da estilística foi motivo de investigação, tanto na perspectiva de Spitzer quanto na de Vossler, dois expoentes da Estilística Alemã, procurando aspectos contrastantes com a estilística discursiva e o conceito de estilo de Bakhtin e do Círculo.

Para entender melhor essa relação entre a análise estilística de Spitzer e a teoria dialógica da linguagem, discute-se a seguir a concepção de estilística na perspectiva bakhtiniana.

3 O processo estilístico do Círculo

O conceito de estilística, na perspectiva discursiva, distancia-se do modelo adotado pela Estilística Alemã porque amplia as relações intrínsecas que se estabelecem entre autor, enunciado e o momento sócio-histórico. Dessa forma, ao estabelecer os elementos *constitutivos* do gênero, Bakhtin ressalta, além do tema e da forma composicional, o estilo que caracteriza tanto o gênero como a expressividade do enunciador. Tal especificação permite observar o estilo nos gêneros literários de modo a estabelecer relações dialógicas entre autor/leitor/contexto social, ou seja, como característica genérica e individual. Tal ambivalência na concepção do estilo propicia uma análise mais complexa em relação aos enunciados em geral e, especificamente, aos literários. Para discutir a linguagem e o gênero discursivo, Bakhtin e o Círculo tomam como objeto investigativo a literatura porque consideram o gênero literário como um mundo concreto criado pelo autor e, portanto, mais fácil de analisá-lo em sua realidade acabada. Assim, ao tomar como objeto investigativo a literatura, tanto Bakhtin como Volóchinov selecionam o romance para compreender o gênero de modo abrangente, extraindo conceitos teóricos a respeito das peculiaridades discursivas dos gêneros em sua realidade concreta. O fato de a obra de ficção ser um todo acabado, representando um mundo organizado, permite observar a linguagem como expressão de vozes sociais, tanto das personagens representadas quanto do autor numa perspectiva estilística. É o que se pode observar nos ensaios de Bakhtin sobre a *Teoria do romance* I, II; III e nos ensaios finais que integram *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017 [1929]) e na coletânea *A palavra na vida e a palavra na poesia* (2019[1930]) ambos de Volóchinov. Portanto, apesar de analisarem as narrativas ficcionais também não abandonam a poesia. Volóchinov concebe a poesia como a expressão linguística atrelada à linguagem coloquial, porque a constituição intrínseca da palavra permanece no enunciado poético.

Nessa concepção, a forma não é desprezada, assim como a escolha autoral dos termos e de sua organização, mas a ela acrescenta as relações dialógicas com o mundo exterior que penetram na forma por meio da palavra autoral. Assim, o sujeito responde ao contexto social de que participa na elaboração enunciativa e o psiquismo idealista é substituído pela tensão social articulada pela linguagem.

Com uma visão voltada à estética e à ética, Bakhtin (1920[2010]) em seus primeiros textos também enfatiza a importância do contexto social e das relações que o autor mantém com esse contexto na produção artística. O conceito de arquitetônica é explicitado como um dos conceitos basilares dessa teoria. De acordo com Bakhtin, o sujeito/autor é um ser responsável que responde aos apelos imediatos do contexto social. Em sua atividade estética, no movimento de aproximação e distanciamento as relações que se estabelecem entre o autor e o outro representado perpassa pela construção enunciativa, pela materialidade linguística levando

em consideração o outro a que o enunciado se destina. Portanto o movimento de elaboração enunciativa, neste caso a poesia, obedece à relação triádica sempre em transformação. Dessa forma, os atos humanos assim como os enunciados constituem um evento irrepitível, porque estão comprometidos com a vida real, concreta. O sujeito concebido sob esse enfoque é sempre um sujeito relacional e inacabado, diante de si mesmo, do outro seu semelhante e do lugar situado em que atua. O autor se identifica com seu objeto, internalizando-o empaticamente, para a seguir distanciar-se dele e reproduzi-lo. Portanto as identidades são mantidas em suas peculiaridades concretas e autônomas em seus ambientes de origem. Assim, no final desse ensaio, Bakhtin apresenta uma análise do poema “Separação” (1830) de Pushkin, demonstrando sua concepção teórica na prática analítica. O poema trata da saudade que o sujeito lírico sente da amada, que parte para sua pátria distante, a Itália, onde estava projetado um reencontro amoroso, cujo ambiente iluminado pelo sol e pelo céu azul havia sido projetado pela amada como um espaço idílico. Segundo Bakhtin, há duas consciências percebidas no poema, dois centros valorativos: o da amada e o do amante solitário que expressa a dor de sua perda. O autor criador, como um terceiro participante, procura identificar-se empaticamente com essa dupla vivência para poder retratá-la. De acordo com Bakhtin, o autor executa dois movimentos nesse processo, o de empatia com as personagens e o de distanciamento para a materialização do poema. É um exercício dinâmico em que os três centros valorativos, as duas personagens e o autor, não se fundem. Nessa perspectiva, o autor compõe seu enunciado com sua própria visão de mundo, pela sua perspectiva, com a qual materializa a forma pelas escolhas de palavras, imagens e ritmo, expressando desse modo seu tom avaliativo da cena representada.

Portanto, o autor expressa essa visão distinta do espaço em função das experiências vitais de suas personagens. A Itália, pátria à qual a amada retorna e onde jaz para sempre, não tem o mesmo valor para seu amado, cuja expectativa seria a de um reencontro amoroso num espaço natural idílico, mas cujo significado torna-se para ele o lugar triste da perda do ser amado. Embora representantes individuais com as características próprias de suas vidas, encontram-se unificados pela arte poética do autor criador e contemplador, que a partir de seu movimento de empatia com o herói com o qual se identifica, distancia-se da vida de sua personagem para poder expressá-la no poema, com seu drama e seus valores existenciais. O distanciamento exotópico do autor, espacial, temporal, valorativo é responsável pela criação do poema, permitindo-lhe concretizar ativamente essa realidade contemplada, dando-lhe uma forma material lírica. Desse modo, todos os elementos constitutivos da arquitetura bakhtiniana: eu-para-mim, eu-para-o-outro, o outro-para-mim interagem no poema, sem se fundirem. Constituem, por isso, um evento de atividade estética. Em função dessa concepção dinâmica, irrepitível, não existe para Bakhtin uma interpretação abstrata, baseada em preceitos predeterminados porque o ser humano está na dinâmica vital, que se encontra em constante movimento. O sujeito autor é entendido como um ser comprometido com a vida, responsável por suas ações. Sob essa concepção valorativa do sujeito, seus atos tornam-se singulares e irrepitíveis em cada momento vital. Assim, as peculiaridades dos atos praticados pelo sujeito não podem ser interpretadas de modo genérico, unificadas por uma visão prévia, estabelecida por uma forma abstrata, comum a todo ser humano.

Nesse processo dinâmico e triádico, a concepção estilística de interpretação distancia-se de modelos ou fórmulas rígidas sejam elas linguísticas ou estilísticas.

4 Conclusão

A restrição à Estilística spitzeriana é marcada pela concepção dialógica de linguagem conceito fundamental constitutivo da teoria do Círculo na avaliação das manifestações linguísticas. Dessa forma, o objetivo da análise dos enunciados concretos, de esferas de produção e circulação literárias ou não, é expor a tensão interna que expressa o dinamismo e a instabilidade do contexto social. Por isso estabelecem relações dialógicas com as condições de produção, de posicionamentos valorativos tanto dos enunciadoreis quanto dos interlocutores ou leitores, cuja atuação é fundamental na constituição dos enunciados.

Para Bakhtin, a concepção triádica: autor, leitor e contexto social, constitui uma unidade indissociável enunciativo/discursiva que é ampliada pelo conceito de supradestinatário – além do destinatário imediato. Esse conceito encontra-se intimamente relacionado ao conceito cronotópico (Bakhtin, 2018) que integra o processo enunciativo como um elo na cadeia comunicativa. Portanto o conceito filosófico do ato responsável, que se conceitua na arquitetônica bakhtiniana estabelece a fronteira teórica com Spitzer.

Para Bakhtin, o limite da vertente estilística é não reconhecer que, no próprio discurso cotidiano, o diálogo com as vozes sociais encontra-se incorporado à linguagem, caracterizando-se pela tensão constante entre os valores sociais intrínsecos a ela. Ao tratar de enunciados poéticos, Bakhtin acentua os aspectos estilísticos presentes nos poemas, mas sempre relacionando-os aos conflitos sociais que afetam o autor. A complexidade do autor/criador, de seu papel responsivo e responsável na concepção bakhtiniana, expressando sua visão de mundo ao recriá-lo poeticamente, estabelece a distância da estilística spitzeriana. Entretanto, ao destacar a expressividade da materialidade linguística, há certa proximidade entre as duas vertentes e Spitzer, sob esse aspecto, desempenha um papel importante na interpretação estilística de obras literárias, próxima da interpretação textual de linha francesa e da hermenêutica, como destaca Starobinski (1970).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena S. Nazário e Homero F. de Andrade. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990 [1975].
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002 [1963].
- BAKHTIN, M. O problema do autor. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução e introdução Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa Tzevetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 173-192.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920].
- BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013
- BAKHTIN, M. *A teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário Paulo Bezerra. Organização da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1936].

- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953].
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Organização da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2018 [1937-39].
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance III: o romance como gênero literário*. Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Organização da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2019 [1941].
- MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários*. Introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução Ekaterina V. Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Editora Contexto, 2012 [1924].
- PUZZO, M. B. Dialogismo bakhtiniano e a estilística vossleriana. *Bakhtiniana: revista de estudos do discurso*. v. 12, n. 1, p. 131-149, 2017.
- PUZZO, M. B. Teoria dialógica da linguagem: o ensino da gramática na perspectiva de Bakhtin. *Linha d'Água*, v. 26, n. 2, p. 261-278, 2013.
- SPITZER, L. La interpretación lingüística de las obras literarias. In: VOSSLER, K.; SPITZER, L. HATZFELD, H. *Introducción a la estilística romance*. Tradução e notas Amado Alonso e Raimundo Lida. 2. ed. Buenos Aires: Instituto de Filología Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 1942 [1930]. p. 91-148.
- SPITZER, L. *Lingüística e historia literaria*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1968.
- SPITZER, L. *Études de style*. Tradução do inglês e do alemão por Éleine Kaufholz, Alain Coulon, Michel Foucault. Paris: Édition Gallimard, 1970.
- STAROBINSKI, J. Leo Spitzer et la lecture stylistique. In: SPITZER, L. *Études de style*. Tradução do inglês e do alemão por Éleine Kaufholz, Alain Coulon, Michel Foucault. Paris: Édition Gallimard, Paris: Édition Gallimard, 1970. p. 7-39.
- WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. Tradução de Luís Carlos Borges. Revisão de tradução Silvana Vieira. Revisão técnica Valter I. Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- VOLÓCHINOV, V. N. A palavra na vida e a palavra poesia. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Organização e tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926]. p. 109-146.
- VOSSLER, K. Formas gramaticales y psicológicas. In: VOSSLER, K.; SPITZER, L.; HATZFELD, H. *Introducción a la estilística romance*. Tradução Amado Alonso e Raimundo Lida. 2. ed. Buenos Aires: Instituto de Filología Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 1942 [1923]. p. 13-86.